

SESSÕES DO PLENÁRIO

2ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 19 de março de 2015.

PRESIDENTE: DEPUTADO MARCELO NILO

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- (Lê):- “Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em comemoração a passagem do Dia Internacional da Mulher, quando será homenageada a Professora Ana Alice Alcântara Costa, in memoriam e promovido um debate sobre Reforma Política. A sessão foi proposta em conjunto pela comissão dos Direitos da Mulher, presidida pela deputada Fabíola Mansur e pelo mandato da deputada Luiza Maia.”

Convido para compor a Mesa a Srª Olívia Santana, Secretária de Política para Mulheres, representante do governador Rui Costa; a minha querida amiga deputada Fabíola Mansur, presidente da Comissão dos Direitos da Mulher; a Srª Deputada Luiza Maia; a Srª Clarice Costa Pinheiro, filha da homenageada in memoriam Ana Alice Costa; o Sr. Vladimir Costa Pinheiro, filho da homenageada in memoriam Ana Alice Costa; o Sr. Rafson Saraiva Ximenes, subdefensor público, representante do defensor público Clériston Cavalcante de Macedo; a minha querida amiga deputada Neusa Cadore; a minha querida amiga deputada Ângela Sousa; a Srª Vereadora Aladilce Souza, presidenta da Comissão das Mulheres, da Câmara Municipal do Salvador; a Srª Madalena Noronha, presidente do Conselho Municipal da Mulher; a Srª Salete Maria Silva, professora da Universidade Federal da Bahia e membro do Núcleo de Estudo sobre a Mulher; a Srª Ioli Ivani, professora da Universidade Federal da Bahia, membro do Núcleo de Estudos sobre a Mulher; a Srª Rosângela Costa Araújo, coordenadora do Núcleo de Estudos sobre a Mulher. (Palmas.)

Convido a todos para ouvirmos o Hino Nacional.

(Apresentação do Hino Nacional Brasileiro.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de convidar a deputada Maria del Carmen para compor a Mesa.

Quero registrar a presença do deputado Herzem Gusmão. (Palmas.)

Tendo em vista compromissos assumidos anteriormente, antes de passar a presidência dos trabalhos à deputada Fabíola Mansur, presidente da Comissão da Mulher, gostaria de desejar sucesso nesta sessão em homenagem à mulher brasileira, em especial à mulher baiana.

Nós ficamos felizes com o avanço da mulher em todas as áreas: política, empresarial e social. Sei que vivemos um momento muito difícil com a crise política e com a crise econômica. E todos nós temos noção de que só sairemos dessa crise com muito trabalho e muita dedicação.

Portanto, quero, como presidente da Assembleia, desejar as boas-vindas a todas as mulheres e homens que participam desta sessão. Quero parabenizar a deputada Fabíola pelo seu trabalho à frente da Comissão das Mulheres. Parabenizar também o povo baiano por enviar para a Casa do Povo, para a Casa das Leis...

A Sr^a Fabíola Mansur:- A Casa das sete Mulheres.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Sete? Sete mulheres. No ano passado, salvo engano, eram 11. Infelizmente, caiu.

Na realidade, eu por exemplo tenho essa visão, fiquei quando vi uma presidenta da República, uma presidenta do Tribunal de Justiça. Com certeza, um dia teremos uma presidenta da Assembleia (Palmas.) uma governadora do Estado, uma prefeita de Salvador, porque, na realidade, eu sempre disse, vocês são mais inteligentes do que nós, Herzem, são mais insistentes, são mais, eu diria...

(Alguém se manifesta fora do microfone:- Leais.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Como? Leais? Não, todos nós somos leais. Dedicadas, você são muito mais dedicadas.

Eu tive a felicidade de ter três lindas mulheres em casa e agora tenho uma neta. Sei o quanto é bom você ter uma filha, quanto é bom você ter uma neta. E se não tivermos cuidado vocês tomarão conta do Brasil e da Bahia. (Palmas.) Isso é bom! Isso é bom porque estão, realmente, avançando.

Estou vendo aqui minha querida vereadora, minha querida secretária. Como é bom ver a mulher crescendo. Afinal de contas, todos nós nascemos de uma mulher.

Portanto, desejo sucesso e parabenizo e fico feliz com o avanço que vocês têm, o avanço político, o avanço social, o avanço empresarial. Isso é fruto da abertura que nós vivemos com os mesmos direitos e com os mesmos deveres.

Parabéns e sucesso!

(Palmas.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fabíola Mansur):- Eu queria, saudando todos os presentes, saudando a Mesa, dizer que esta sessão tem duas presidentas: nós e os membros da Comissão das Mulheres e a deputada Luiza Maia que também presidirá esta sessão especial em homenagem à mulher e que faz uma homenagem a nossa querida professora Ana Alice. E, ao homenageá-la, não poderíamos deixar de tratar do tema reforma política e dizer que ela está aqui, a nos inspirar.

Antes, quero convidar o Coral Doce Vida, já agradecendo a todas as suas componentes, a D. Semira, mãe de Ana Alice (Palmas.); a D. Dejanira Gaião, representante do coral, e à Sr^a Natanira, que é nossa maestrina. (Palmas.)

Vamos começar com as meninas nos brindando, cantando três músicas, iniciando essa homenagem à professora Ana Alice.

(Apresentação do Coral Doce Vida.)

A Sr^a PRESIDENTA (Luiza Maia):- Quero dar boa-tarde a todas e todos.

Vamos pedir às nossas deputadas presentes para entregar as flores à maestrina Natanira, a representante do Coral, e à D. Cenira. Peço então à Angela, Maria del Carmen e ao deputado Herzem Gusmão para fazer a entrega a essas duas mulheres. (Palmas!)

Enquanto elas recebem esta nossa homenagem da Comissão dos Direitos da Mulher, quero dizer da nossa alegria de estar aqui, junto com a presidenta Fabíola Mansur, comandando esta sessão, que está dividida em duas partes. Nesse primeiro momento, preciso segurar a emoção, mas toda vez é isso, estamos fazendo uma homenagem a nossa querida, amada Ana Alice, que merece o que estamos fazendo por ela. Ana Alice não morreu, está aqui com a gente, ela era o nosso farol e, por isso, sentimos tanto a falta dela. Mas tudo o que ela escreveu, todo o incentivo, tudo o que ela fez por nós, eu sempre dizia sempre brincando que eu era a militante e ela a cientista, a pesquisadora, que nos dava os dados, os fundamento da nossa luta.

Como estamos passando por um momento difícil em nosso País, as mulheres têm discutido muito essa questão da reforma política que será a outra parte da nossa sessão, então ela estará aqui presente. A luta continua, faremos uma homenagem para ela e a obra dela “Mais Donas no Poder”, doutorado dela. E é isso, a emoção toma conta da gente, mas vamos prosseguir a sessão, passo a palavra a nossa presidente. Vamos tocar a bola pra frente que o dia é de emoção, mas é muito importante para as mulheres. Estamos também no Março Mulher, porque o dia 08 de março não é mais só um dia da mulher, mas um mês em que fazemos essa discussão do resgate dos nossos direitos, da nossa cidadania plena e do fim da violência contra a mulher. Tudo isso ouviremos nas discussões de hoje.

Queria registrar a presença da minha queria amiga, professora Mariângela, do Departamento de Ciências Políticas da UFBA, que nos ajuda muito também nesse debate, e do professor Felipe. Durante o desenrolar desta sessão, registraremos o nome de todas as pessoas importantes que estão aqui em homenagem a Ana Alice, em homenagem a todas as mulheres baianas, brasileiras e do mundo e a discussão da reforma política.

A Sr^a PRESIDENTA (Fabíola Mansur):- Vamos registrar algumas presenças na sessão, como o deputado Targino Machado; da coordenadora do CEM, Centro de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres, Gênero, Saúde e Enfermagem, Sr^a Sílvia Lúcia Ferreira; a querida Suli Nascimento, presidente do Conselho Municipal de Mulheres de Lauro de Freitas; Viviane, presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher de Camaçari; Genario Bispo, diretor da Associação de Agentes Comunitários e Endemias de Salvador; Daisy Oliveira, coordenadora da Casa Abrigo da Mulher; Dr^a Firmiane Venâncio, nossa amiga, quem não a conhece? Está agora na Escola Preparatória da Defensoria Pública, uma grande mulher que capacita muitas pessoas; Rodrigo Ita, superintendente de proteção de Defesa Civil do Estado da Bahia; Antônia Garcia, coordenadora do Centro da Mulher Baiana; e daqui a pouco

registraremos mais presenças ilustres que honram a nossa Casa e a nós da Comissão das Mulheres. É uma sessão muito importante que junta uma mulher que nos inspira a todos e todas com um tema tão atual.

Nunca foi tão atual todas as lutas, tudo o que Ana Alice e tantas outras de nós defendemos. Porque as pautas femininas, as pautas que mudam os destinos de tantas mulheres, através da Reforma Política e do empoderamento ainda são atuais porque os avanços são muito pequenos. Temos que fazer sessões como esta, homenageando hoje a presença, em espírito, porque tenho certeza que Ana Alice está aqui, olhando para nós e dizendo para que sigamos em frente. Porque essa luta é nossa e é contínua.

E para nos emocionar um pouco mais, a sua companheira de luta, de Academia e de folia, professora Salete Maria Silva, do Cordelírio Feminista, vai homenagear a professora Ana Alice, apresentando um Cordel que ela fez, ainda com a sua presença física. (Palmas.)

A Sr^a SALETE MARIA SILVA:- Boa-tarde. Ana Alice, além de uma grande cientista e militante, era uma colega que sabia a potência da arte. Em vida, tive a oportunidade de parabenizá-la com alguns cordéis. Aos 30 dias de sua partida, eu fiz essa pequena homenagem.

(Lê):- *“E lá se vão trinta dias*

E lá se vão trinta dias

Desde que você partiu

É triste a nossa alegria

Algo em nós sucumbiu

Falta a tua energia

Broncas, beijos, euforia

E aquela ajuda gentil

Falta tua companhia

Tua voz, tua presença

Aquela tua alegria

E vivacidade intensa

Falta a tua imagem

Tua infinita coragem

E aquela risada imensa

Tua falta é incalculável

É gigante, desmedida

É enorme e implacável

É uma falta sentida

No fundo de cada olhar

*De cada silenciar
Que chora tua partida*

*Mas apesar disso tudo
Desta dor, deste sofrer
Deste tormento graúdo
Que nos faz entristecer
Tua presença se faz*

*Em tudo o que é lilás
Em tudo o que é viver*

*Em tua família linda
Em teus sonhos e projetos
Em tudo o que pulsa e vibra
No coração de teus netos
Em cada amiga tua
E em cada noite de lua
Da qual teu ser é repleto*

*Em cada ensinamento
Em cada orientação
Em cada novo rebento
Fruto de tua lição
Dentro e fora do Neim
Tua vida segue assim
Eterna e em ascensão*

*Nas memórias de Cecília
Que a ti reverencia
E que hoje é a viga
Pra manter a sinergia
De toda esta estrutura
Que hoje é criatura
Mas que foi sonho um dia*

Nas narrativas de Alda

*Ívia, Janja e tantas mais
E nas orações de Ângela
Para que descanse em paz
Haverá sempre a lembrança
De quem deixou como herança
Um amor que não se desfaz*

*Nas mentes da estudantada
Das colegas de trabalho
Nas lutas da mulherada
E cada ato falho
Um pouco de ti teremos
E assim prosseguiremos
Refazendo o cabeçalho*

*Sempre estarás aqui
Nas salas, nos corredores
Nós podemos te sentir
E seguir os teus valores
Assim seremos contentes
Pois tu estarás presente
Nas festas, lutas e cores*

*Nos teus artigos e livros
Nos vídeos, nas entrevistas
Nos nossos velhos arquivos
Nos textos e nas revistas
Nos e-mails e memórias
Nas nossas tantas histórias
É imensa a nossa lista...*

*Nas batalhas das mulheres
Da Bahia e do Brasil
Onde se metem colheres
No discurso varonil
Sempre haverá tua presença
Combatendo violências*

E apontando desafios

*Ou produzindo ciência
E discutindo o poderíamos
Provocando consciências
Fazendo a gente romper
Com padrões de pensamentos
Propondo engajamentos
Não foi este o teu viver?*

*Nas folias, na política
Na vida em camaradagem
Embora muito analítica
Agia com maternagem
Sempre muito solidária
Parecia autoritária
Mas era só uma roupagem*

*Na UFBA por muitos anos
Nas lutas, nas decisões
Entre conquistas e danos
Entre consenso e cisões
Era sempre a feminista
Que provocava os machistas
A romper com seus grilhões*

*Certa ou equivocada
Acompanhada ou sozinha
Esta foi tua jornada
Pois era o que te convinhas
Crê num mundo mais igual
Com justiça social
E sem muita ladainha*

*Sem discurso androcêntrico
Racismo ou misoginia
Sem fetiche eurocêntrico*

*Sem desculpa ou covardia
Que mantivesse o domínio
Gerador do extermínio
Das mulheres hoje em dia*

*Assim foi tua existência
Cheia de luta e paixão
Pois era da tua essência
Não viver a vida em vão
Foi linda e inspiradora
Jamais morre a professora
Cuja vida é uma lição!*

*Trinta dias sem te ver
É claro que a gente sente
Não é fácil, podes crer
Mas a gente vai em frente
Por amor, por ideal
Pois que venha o carnaval
Ana Alice está presente!”
Muito obrigada. (Palmas.)*

A Sr^a. PRESIDENTA (Fabíola Mansur):- Com certeza está presente, professora Salete.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a. PRESIDENTA (Fabíola Mansur):- Quero chamar, agora, a professora Ioli Vanin para fazer a sua homenagem à professora Ana Alice Costa.

A Sr^a. IOLI VANIN:- Boa tarde a todos e todas.

Em nome da Comissão de Mulheres saúdo todos os membros da Mesa.

Esta é mais uma tarefa difícil que me foi designada pelos meus colegas, que é dizer quem foi Ana Alice.

Ana Alice Alcântara Costa nasceu em 23/12/1953, em Caravelas (sul da Bahia); filha de Cenira Alcântara e Nubem Costa; irmã de Lourival e Jorge Costa; mãe de Valdemir e Clarice Costa; avó de Sofia, Felipe, Ana e Inácio.

Ana Alice era professora da Universidade Federal da Bahia, instituição que honrou até os seus últimos minutos de vida. Foi pesquisadora e, sobretudo, feminista. Fez do enfrentamento ao patriarcado e do empoderamento das mulheres as principais

lutas de sua vida.

Como ativista, participou do Brasil Mulher-BA, sendo uma de suas fundadoras e aqui vejo algumas de suas companheiras. Foi também uma das articuladoras do NEIM e ativista das principais lutas feministas na Bahia e no Brasil. Onde houvesse uma luta contra o patriarcado, com certeza, lá estava Ana Alice.

Conheci Ana Alice no NEIM, estudante de graduação, nos idos de 1997 e a partir daí passou a ser uma referência na minha vida. Foi ela que me apresentou a militância feminina, tanto a das ruas como da academia. Na academia, universidade, encontramos os seus maiores legados, a Fundação do Núcleo de Estudos Interdisciplinar sobre a Mulher (NEIM). O NEIM foi pensado para ser um espaço, um mecanismo que viabilizasse, e continue a viabilizar, a constituição de situações que favorecessem o empoderamento das mulheres – entendemos o próprio conceito de empoderamento da Ana Alice, ou seja, que elas pudessem se tornar donas dos seus destinos, tivessem autonomia – por meio de iniciativas e ações que favorecessem a potencialização educacional e profissional das mulheres, aumentando seu nível de formação, aguçando suas percepções e evidenciando ideias e sentimentos comuns.

Seu objetivo mais amplo foi fortalecer as capacidades, habilidades e disposições para o exercício legítimo do poder pelas mulheres. Nesse sentido, o empoderamento das mulheres significa não construir uma sociedade de mulheres poderosas, porém, isoladas. Mas de contribuir para a construção de uma nova ordem científica e cultural, socialmente justa e politicamente democrática. Em sentido mais amplo ou abrangente, ou seja, uma ordem sem hierarquias nem privilégios baseados em estereótipos e estigmas, absolutamente injustificados e nada científicos, que permitam, então, a homens e mulheres que, de maneira conjunta, desenvolvam uma cidadania plena e produtiva.

Foi nesse sentido que Ana Alice atuou, não só pelo seu ativismo, mas também pelo corpus teórico na área dos estudos de gênero, feminismo e poder, que constituiu e nos lega, bem como a gerações futuras.

Ana Alice é uma das principais pensadoras teóricas da área dos Estudos de Gênero, Feminismo e Poder. Estudando principalmente a participação política das mulheres.

Um outro campo em que ela, também, atuou e, também, nos deixou um legado é o registro e a reflexão sobre a história do feminismo na Bahia e no Brasil.

Ela é uma referência feminista, política e intelectual e, certamente, não só para mim, mas para muitas de nós. E, sempre, ela será lembrada pelo legado político e intelectual com que nos presenteou.

Foi isto que pensei para poder falar sobre Ana Alice. (Palmas.)

Obrigada. (Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fabiola Mansur):- Obrigada, professora Iole.

Convido, agora, a querida amiga Lena Sousa para ler a homenagem da senadora Lídice da Mata.

A Sr^a LENA SOUSA:- A senadora está impossibilitada e ficou muito sentida por não poder estar presente, pois está em compromisso no Senado. É uma carta rápida.

(Lê):- “Exm^o Senhor Deputado Marcelo Nilo

Presidente da Assembleia Legislativa

Senhor Presidente,

Parabenizo a Comissão dos Direitos da Mulher da Assembleia Legislativa da Bahia, em nome da sua presidente, a deputada Fabíola Mansur, deputada Luiza Maia, pela iniciativa da Sessão Especial ao 8 de março e, especialmente, pela adequação dos temas propostos: homenagem à nossa querida e saudosa professora Ana Alice, bem como o debate da reforma Política.

Ana Alice é referência fundamental para seguirmos nesse desafio e fazer valer a paridade na política. Devemos trilhar com êxito o caminho aberto nas lutas e vitórias até aqui obtidas, não só das mulheres, mas de toda a sociedade.

A Reforma Política é o tema que está na ordem do dia. Para contribuir com o debate, apresentei ao Senado cinco proposições (uma proposta de Emenda Constitucional e quatro projetos de lei) que estão em tramitação e que visam a criação de condições menos desiguais entre candidatos(as) na disputa eleitoral: limites na veiculação da propaganda governamental, inclusive de entidades da administração indireta, nos seis meses anteriores à eleição, aumento de três para seis meses no prazo que os servidores públicos se afastem do trabalho quando forem candidatos, e mudança no prazo de escolha dos candidatos pelos partidos políticos, antecipando o período para o mês de abril do ano eleitoral. E também na luta pela paridade para que a gente consiga aumentar essa representação que tem iniciativa no Senado que ela também assina embaixo está na luta.

Já a PEC 32/2014 estabelece o fim da reeleição para presidente da República, governadores dos estados, Distrito Federal e prefeitos.

Infelizmente, devido a compromissos do Senado, não estarei presente, mas tenho certeza que será uma sessão muito rica em pronunciamentos e contribuições.

Um abraço a todos os companheiros e companheiras e, em especial, aos filhos de Ana Alice, Vladimir e Clarice, e sua mãe, D. Cenira.” (Palmas.)

Agradeço poder ter feito esta leitura.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fabíola Mansur):- Para receber a homenagem que a Assembleia Legislativa da Bahia faz à professora Ana Alice Costa, convidamos, para vir até aqui, os seus filhos Vladimir Costa e Clarice Costa Pinheiro e D. Cenira.

Esta é uma homenagem da Comissão Direitos da Mulher desta Casa.

Quero convidar todos os deputados presentes como Neusa Cadore e a ex-

deputada Kelly Magalhães, que também tantas lutas fez, para nós entregarmos esta homenagem.

(Procede-se à entrega da homenagem post mortem a Sr^a Ana Alice Costa.)

(Palmas!)

A Sr^a PRESIDENTA (Fabíola Mansur):- Homenagem Especial. Sessão Especial em Homenagem ao Dia Internacional da Mulher.

A Assembleia Legislativa do Estado da Bahia homenageia a professora Ana Alice Alcântara Costa in memoriam.

Grande e inesquecível mestra, desbravadora das lutas e conquistas para o empoderamento das mulheres e nossa eterna referência para fazer valer igualdade, liberdade e justiça.

Salvador, 19 de março de 2015. (Palmas.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fabíola Mansur):- Convidamos, para usar a palavra, em nome da família da professora Ana Alice, seu filho, Vladimir Costa Pinheiro. (Palmas.)

O Sr. VLADIMIR COSTA PINHEIRO:- Boa-tarde a todos e todas presentes.

Cumprimento as autoridades nas figuras das deputadas que presidem a Mesa, deputadas Fabíola e Luiza. Agradecemos muito em nome da família, em nome da minha avó, Cenira, de minha irmã, Clarice, além dos outros entes que não puderam estar presentes, a esta homenagem.

Ficamos muito emocionados com esta homenagem a minha mãe, uma guerreira, uma lutadora, como todos os presentes que a conheceram sabem. Uma homenagem desta Casa é extremamente simbólica e significativa, pela contribuição que minha mãe deu às mulheres baianas e brasileiras para a emancipação delas.

A minha fala é muito mais no sentido da mãe; a militante, a professora, a cientista está sendo pontuada por suas companheiras, suas amigas e militantes de trajetória.

Queria resgatar uma outra faceta dessa lutadora, dessa heroína, que é um lado da mulher, que é ser mãe também. Sempre tivemos em minha mãe uma referência de valores. Nós não iniciamos na esquerda nos pensamentos e posturas progressistas, nascemos nesse seio. Nós não entramos no Partido dos Trabalhadores, nós nascemos no Partido dos Trabalhadores. Então, essa referência, para nós, foi uma constante em nossa trajetória, na nossa formação. A questão do certo e do errado pautado não por valores e não pela moral de qualquer religião, mas, sim, o que é da essência do ser humano. Essa formação nos orientou nessa trajetória. Quem conheceu, quem conviveu com minha mãe, conheceu seu pulso firme de condução do que ela queria, do que ela lutava, e conosco não foi diferente. Conduziu nossa formação, conduziu nossa trajetória com o mesmo pulso firme, mas com extrema afetividade, com muito amor, com muito carinho. Essa é uma grande marca que temos de minha mãe: o amor, o carinho e a afetividade. (Palmas.)

As pessoas que conviveram com ela sabem disso. Era durona, era briguenta, às vezes extrapolava, “saía da faixa”, mas sempre com o espírito muito efetuoso de cuidado com o outro, de cuidado com o próximo. Então, tenho certeza de que, com essa perspectiva seguiremos os seus valores, seguiremos os seus objetivos de luta, numa conjuntura onde vivenciamos hoje uma turbulência política que, quando eu discutia com minha mãe, lá na oitava série, estudando pela primeira vez o estado de exceção, nunca imaginávamos que poderíamos viver novamente sob essa sombra.

Aqui estamos em nome de Ana Alice para lutar pelo povo brasileiro, para lutar pelas mulheres brasileiras e não recuaremos. Não recuaremos nessa luta de emancipação e de conquista das oprimidas e oprimidos.

Então, mais uma vez, muito obrigado a esta Casa pela homenagem feita a minha mãe e muito obrigado a todas e todos presentes aqui nesta sessão. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Luiza Maia):- Dando continuidade a nossa sessão, cheia de emoção, registramos a presença do Sr. Waldemar Oliveira, presidente do PSB de Salvador; da Sr^a Maria Isabel, chefe do Setor de Gênero da Superintendência de Políticas para as Mulheres da prefeitura de Salvador; da Sr^a Cristina Gonçalves, da Abaci; da Sr^a Dayse Dantas, diretora do Viver/Sprev/SSP; do Sr. Chocolate, presidente do GLM, Grupo Lésbica e Movimento; do Sr. Lynn Filippucci, presidente da ONG MAC; da Sr^a Zoraide Brito, chefe do setor de Coordenação da Mulher do Tribunal de Justiça; da Sr^a Francisca Sckiavo, do MUSA da Ufba e da Sr^a Fátima Freire, coordenadora do Cento da Mulher Baiana.

Tenho uma aviso do pessoal do Neim convidando para participar do XVIII Simpósio Baiano de Pesquisadores sobre a Mulher e Relações de Gênero, que acontece no dia 25, 26 e 27 de março, no Pavilhão de Aulas Raul Seixas, São Lázaro, na Universidade Federal. As inscrições estão no site www.simposioneim.ufba.br

Agora, nós vamos convidar a professora Salete Maria Silva para fazer uso da palavra.

A Sr^a SALETE MARIA SILVA:- Mais uma vez agradeço a oportunidade de estar aqui diante das autoridades, de minhas colegas e da família de Ana Alice. Quero cumprimentar a todas e agradecer de forma muito especial à família dela e à minha comandante, a professora Rosângela Araújo, a “Janja”, diretora do NEIM, pela confiança em aceitar a minha designação para falar nesta sessão. Vou ser bastante breve em decorrência do tempo. Temos de ministrar aula logo mais, às 18 horas, e ainda teremos que nos deslocar até lá.

Esta sessão visa, além de homenagear Ana Alice, discutir a questão da reforma política. Portanto, vou pontuar alguns aspectos que considero importantes. Quero dizer que a falta que Ana Alice faz neste momento também é tremenda, porque com ela eu vinha construindo algumas reflexões sobre a vigência, a atualidade do patriarcado e também o debate sobre a reforma política, com o qual eu tinha algumas

convergências e algumas divergências.

Vou começar a fala invocando Ana Alice, uma obra dela de 2010, mas que está atualíssima. Um artigo científico que sugiro muito: “Resistências Feministas nas Tramas dos Poderes.”

(Lê):- (...) “O que se esperava ser um grande processo de mudanças nas regras políticas do Estado brasileiro não passou de uma simples reacomodação de forças e distribuição de cargos para os velhos e novos aliados. Nesse jogo, as mulheres viram, mais uma vez, escorrer pelos ralos dos acordos políticos suas esperanças de mudar as regras patriarcais e elitistas da distribuição do poder formal no País.”

Ana Alice se refere nesse momento à reforma política que havia acontecido nos idos de 2007, 2008 e 2009, que culminou com a criação da Lei nº 12.034/2009, naquele momento também chamada de reforma política. E ela já nos advertia - e essa advertência é atual - do risco que corremos se essa reforma política que está posta na ordem do dia não tiver a voz e a vez das mulheres. A voz, posto que todas as suas demandas precisam ser recolocadas, ser pontuadas na sua totalidade. E a vez, porque uma reforma política sem que haja uma grande e justa presença das mulheres como elaboradoras - constituintes, digamos assim, que vão fazê-la - não vai passar de uma grande falácia, a exemplo do que aconteceu com outras experiências de reforma em nosso País.

Gostaria de dizer o seguinte: trata-se de um tema que está na ordem do dia hoje, ontem, anteontem e há mais de 10 anos! O debate da reforma política não é novo, mas se reapresenta a todo instante em que o nosso País é posto em xeque, ou porque a governabilidade passa a sofrer algum abalo ou porque efetivamente os Poderes constituídos, particularmente o Poder Legislativo, passam mais uma vez por uma grande crise de credibilidade.

Em 2002, durante a campanha de Lula, já havia a promessa de uma vez sendo eleito levar adiante a reforma política tão ansiada e tão defendida por todos, por todas nós. A discussão foi retomada somente em 2007. Reentrou na agenda política naquele ano, tramitando em 2009 e culminando, como já disse, com a Lei nº 12.034/2009, que fez mudanças pontuais e superficiais nas estruturas políticas do País. Diria, inclusive, não nas estruturas, mas na questão eleitoral.

Então, o que percebemos hoje é que o grosso, a voz dominante nesses debates sobre a reforma - que é uma voz masculina, uma voz androcêntrica - o grosso das propostas envolve muito mais uma reforma eleitoral do que uma reforma política.

Para nós, as feministas - em particular, as feministas que abraçam o feminismo democrático radical, entre as quais eu me incluo - uma reforma para ser política é uma reforma para além da mudança das regras da eleição. (Palmas!) Porque a reforma política não se circunscreve a mudar a estrutura institucional do Estado ou as leis que regem a disputa eleitoral. Ela tem de ser uma reforma na perspectiva de mudar a cultura política, e é nesse sentido que as contribuições de Ana Alice se deram ao longo da sua existência.

Além do que esse tema não só permite múltiplas abordagens. Quando a gente assiste aos simpósios, aos fóruns, aos debates na mídia e fora dela, no mundo acadêmico e em outros espaços sobre reforma política, vê que ele possibilita inúmeras abordagens.

No entanto a gente indicaria também uma obra muito interessante chamada “Reforma Política em Questão”, uma obra de 2008 publicada pela Câmara dos Deputados em parceria com a Universidade de Brasília. Nesse livro há uma série de vozes - inclusive algumas mais à esquerda e outras mais à direita -, mas a presença da voz feminina muito timidamente se faz. Debate-se, por exemplo, que essa é uma oportunidade singular para discutirmos as demandas pendentes das mulheres brasileiras. Não somente as demandas com relação ao voto, mas, sobretudo, quanto a mudar a cara das eleições e mudar a cara das estruturas políticas.

É preciso fazer um chamamento aos partidos políticos. Entre eles, em especial, os partidos de esquerda, que ao meu sentir devem ser timoneiros no sentido de lançar esse debate e ampliar essa discussão. Inclusive fazendo uma autocritica sobre a sua recente participação na eleição de 2014, em que tanto a Esquerda quanto a Direita, ao tratarem do financiamento de campanha, se beneficiaram da contribuição das empresas, do grande capital nacional, para não dizer dos próprios empreiteiros, que hoje estão em grande quantidade na investigação da Lava-Jato.

Portanto, o debate sobre a reforma política envolve inserir mais mulheres no poder porque, para termos mais políticas para as mulheres, precisamos de mais mulheres na política. É um debate antigo no feminismo. Nos últimos 15 anos tem participado a ONU, sobretudo durante a Conferência de Beijing. E no Brasil, a partir da Constituição de 88 e depois do Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, as vozes feministas se espraíram ao longo do nosso País para levantar-se a todo instante, pugnando para que os partidos e os Poderes constituídos efetivamente levassem adiante uma reforma consequente e radical, uma reforma que democratizasse a própria democracia.

Então, gostaria de colocar para vocês que todos esses seminários, esses eventos, todas essas atividades que têm acontecido no Brasil como um todo, e em particular na Bahia, mais especificamente aqui em Salvador, trazem diagnósticos e propõem soluções. A minha fala nesta tarde não vai nesse sentido, nem de fazer diagnóstico e nem de propor soluções. Mas, sim, de apresentar alguns problemas e, sobretudo, pontuar algumas questões.

Primeiramente, gostaria de colocar que a reforma política não deverá ser - essa é uma impressão que tenho, sobretudo, pelas feministas - apresentada como tem sido pelos homens, como um mecanismo que vai imunizar os partidos, ou o sistema político, em todas as suas mazelas historicamente apresentadas. Não. A reforma política tem limites, porque não somos nós as feministas, sobretudo as de esquerda... Costumamos nos apresentar como pessoas que querem transformar para além do sistema político. Nós queremos transformar o Estado, e com isso as relações todas que ele engendra.

Então, uma reforma política consequente tem, necessariamente, de colocar em xeque aquilo que Joan Scott, teórica feminista norte-americana, chama de a cidadania paradoxal. Nós, as feministas, só temos interrogações a apresentar numa sociedade patriarcal, porque sabemos que o problema dessa sociedade não é apenas mudar as regras do jogo. Como diz a feminista Marcela Lagard, mexicana, colega de Ana Alice durante um tempo em que ela estudou no México: nós não queremos apenas inflar a receita do bolo. Aumentar o bolo para que possamos obter um fatia. Nós queremos, na verdade, alterar essa receita. Nós queremos outro bolo, com outro sabor, com outra característica.

(Palmas, muitas palmas.)

E essa perspectiva, essa proposta vai um pouco numa fala que, com todo respeito e com todo acatamento, se contrapõe à fala do deputado que abriu esta sessão, quando ele disse que “se nós, homens, não tivermos cuidado, as mulheres vão tomar o nosso lugar, vão ocupar o poder”. A nossa perspectiva não é de ocupar o poder dos homens, porque entendemos que o poder não pertence a eles. (Palmas, muitas palmas) O poder é algo que os homens têm detido e tem utilizado muitas vezes em nosso desfavor. Na verdade, o que queremos é seguir somando com os homens – e aqui não vou me referir unicamente aos homens de boa vontade, mas aos homens feministas, aos homens sensíveis a nossa causa – para que eles possam colocar na ordem do dia questões tão gritantes e tão prejudiciais para a sociedade brasileira, como é, por exemplo, em pleno século XXI: dos 81 senadores, nós temos apenas 12 mulheres; dos 513 deputados federais, temos apenas 51 deputadas.

No caso das Assembleias Legislativas, em todo o Brasil, tivemos um decréscimo de 26 deputadas, ou seja, a brecha de gênero vai sendo reconfigurada sempre em prejuízo das mulheres.

Aqui na Bahia, o quadro não é diferente: de 10 parlamentares, baixamos para 7. O que podemos imaginar é o quão difícil serão os próximos 4 anos para essas 7 parlamentares que estão aqui. Não diria matando um leão por dia porque é ecologicamente incorreto, mas diria enfrentando um leão ou mais por dia. E precisando, sobretudo, de uma articulação com o movimento social, com a academia e com todas as pessoas que efetivamente possam contribuir com essa questão. (Palmas, muitas palmas.)

Temos observado que o debate sobre a reforma política feito a partir das feministas tem centrado suas preocupações em 3 eixos específicos: a formação das candidaturas por listas; listas fechadas, que é o que acontece com os países vizinhos, que pelas pesquisas acadêmicas é a que aponta a maior possibilidade de participação das mulheres. Mas essa não é a única proposta das feministas e ninguém pode dizer que é a melhor, posto que é uma proposta que precisa ainda ser analisada, se de fato constituir listas fechadas, alternadas por sexo, se isso, efetivamente, não pode nos levar a cair num outro tema, que são os caciques políticos condutores dos partidos definirem quem são os homens e as mulheres que estarão alocados nessas posições.

Precisamos olhar com muita desconfiança, com muita cautela também, para

uma discussão que se faz a partir de um estudo comparado com outros países, mas sem compreender profundamente a realidade político-partidária do nosso País.

Outro eixo é o financiamento público de campanha, que, pasmem, é defendido, hoje, por todos os partidos de esquerda, mas que na última eleição não foi colocado no debate político, que é uma forma, inclusive, de educar a população durante o período em que as pessoas mais discutem política, que é durante o período eleitoral.

Um terceiro eixo, não querendo esgotar o debate, é um projeto de educação política para os partidos para que mais mulheres possam, uma vez filiadas, se capacitar, e uma vez eleitas, se empoderarem.

De qualquer sorte, as questões que pontuo – já estou concluindo – vão no sentido de dizer o seguinte: nós estamos falando de reforma política numa perspectiva feminista, mas na verdade não sabemos do que estamos falando.

Por que eu digo isso? Porque nós precisamos, primeiro, olhar para trás e ver qual foi o padrão de reforma política que nós tivemos nos últimos anos, desde 1993, quando, por exemplo, fizemos a grande revisão constitucional, inclusive passando, mais para a frente, por uma minirreforma em que o presidente FHC conseguiu, legislando em causa própria, instituir a reeleição, da qual Lula e Dilma foram beneficiários, mesmo sendo contrários durante bastante tempo.

Então, nós precisamos identificar qual é o padrão existente nessas reformas políticas. Até onde vão minhas pesquisas, modestamente, é um padrão elitista, é um padrão androcêntrico e é um padrão que visa mexer unicamente na cereja do bolo, para não tratar da estrutura mais profunda dos partidos políticos e da região do Brasil.

Para fechar eu gostaria de colocar que o Professor Lúcio Rennó, da UNB, que é um intelectual com o qual eu tenho me acompanhado bastante para compreender essa questão da reforma, infelizmente ele não lê a reforma com lentes de gênero, mas nós não podemos desprezar a experiência desse profissional, quando ele diz que nós precisamos ter, pelo menos, dois consensos para debater reforma política: o consenso empírico e o consenso normativo.

O empírico é que todo mundo já chegou à conclusão que esse sistema que está aí está falido, não dá conta, está fracassado, inclusive o modelo de fazer política em nosso País, tanto a política institucional, a política formal, a política partidária, ela é caduca, é uma forma já anacrônica de se fazer política, então um consenso empírico, parece que até mesmo a direita chega a essa conclusão, que nós temos que mudar as regras do jogo. Agora, o que entra em discussão é: para colocar o que no lugar dessas regras? E aí é onde entra a questão do consenso normativo.

É importante que a gente possa, posteriormente, em outras ocasiões, travar um debate mais aprofundado sobre esses consensos, porque sem o consenso empírico e sem o consenso normativo, o que é que nós vamos colocar no lugar? Nós corremos o risco de, mais uma vez, cairmos na trama daquela proposta pré-articulada por todos os partidos políticos que nos convidam a discutir reforma política, mas que não nos convidam a elaborar a reforma política a partir das ruas mesmo.

Então, eu gostaria de encerrar a minha fala dizendo que nós temos dilemas gritantes. O primeiro e mais grave deles é dizer que uma reforma é sempre uma reforma, e nós que não somos reformistas temos que identificar e pontuar os limites dessa reforma.

Eu gostaria de colocar o seguinte, para encerrar, que do ponto de vista do feminismo nós precisamos perguntar: quem ganhou e quem perdeu com as reformas políticas efetuadas até aqui? O que muda e o que se mantém nas propostas que estão colocadas? Nós conhecemos, efetivamente, quais são as propostas, quais são as idéias que estão defendendo os partidos políticos, especialmente aqueles partidos que têm assento hoje na Assembleia Legislativa do Estado da Bahia? Há um consenso entre os parlamentares? Eu acredito que não, já há aqui um prognóstico de que não, porque provavelmente o partido do deputado que abriu esta sessão deve ter alguma deputada eleita. (Pausa.) Não, não é? Então, é uma questão mais grave ainda.

Nós vamos precisar começar a discutir que a reforma política, hoje, está sendo chamada tendo como pretexto a corrupção. Então, é um debate muito moralista, e para nós a reforma política tem como pretexto a igualdade, a inclusão, a democracia, democratizar a democracia (palmas.), o que implica dizer que nós podemos com isso construir mecanismos para, inclusive, incidir sobre a corrupção.

Encerro a minha fala agradecendo bastante pela oportunidade, e dizer, mais uma vez, que falta faz a companheira Ana Alice para que possa, conosco, radicalizar nesse debate, pontuando de como o Executivo, Judiciário e o Legislativo podem contribuir, cada qual a partir de suas competências, para que a gente possa construir, não só teórica, mas, sobretudo, praticamente no cotidiano da militância do movimento social, em comunhão com a universidade e com os partidos políticos, uma reforma política em que a gente tenha, efetivamente, cara de mulher, mas, sobretudo, cara feminista.

Muita obrigada e boa-tarde!

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fabíola Mansur):- Muito obrigada, professora Salete.

Se a professora Ana Alice estivesse viva, estaria aqui, provavelmente, fazendo esta palestra, melhor, esta palestra com a pauta cotidiana de suas lutas. Por outro lado, ela não poderia estar melhor representada pela grande amiga, parceira e companheira de todas as horas.

A Sr^a PRESIDENTA (Luiza Maia):- Só para reforçar e ampliar a fala da professora Salete em relação à postura do nosso querido presidente, entramos com um requerimento e conseguimos 26 assinaturas para instalar a Comissão da Reforma Política sem nenhum gasto para esta Casa com verba do meu gabinete. Ele indeferiu o nosso pedido. Isto é para vocês verem o entendimento e a importância que nós, mulheres desta Casa, temos de ter e fazer esta pressão.

Eu queria usar o espaço da comissão, para fazer o debate da reforma política

bem dentro desta visão que a professora Salete colocou aqui. Não podemos aceitar que as coisas sejam decididas, até porque não vai passar pelo Congresso Nacional. O que está sendo discutido lá, no Congresso Nacional, é pior do que o que está hoje aí. Não sei se pode haver coisa pior. Mas quanto ao fato de que tal reforma nos beneficiará, eu tenho certeza de que não.

Então, queria aproveitar para pedir o apoio não só das professoras e cientistas, mas da sociedade como um todo para que consigamos trazer esta discussão para dentro desta Casa, que é o segundo Poder na Bahia.

Quero registrar as presenças da nossa ex-deputada Kelly Magalhães, que fez muito bonito nesta Casa durante quatro anos; das professoras da Ufba e da Faculdade Cairu; do MST; da Associação Baiana de Cultura e Inclusão; da assessoria da vereadora Vânia Galvão; da Juventude do PT; da Secretaria de Desenvolvimento Rural – SDR; Secretaria da Saúde – Sesab; da Secretaria de Turismo da Bahia – Setur; das Voluntárias Sociais da Bahia; da Coordenação do Desenvolvimento Agrário – CDA; da professora Amélia Maraux, coordenadora do Núcleo de Gênero e Sexualidade, representado a Uneb; da minha querida Terezinha Barros, grande beijo, do Fórum de Mulheres de Lauro de Freitas; do Sr. Osvaldo Albérico dos Santos, diretor da Fabes; da Sr^a Vida Bruno, coordenadora de comunicação do Fórum Social Mundial; do Sr. Samuel Nonato, primeiro suplente de vereador do PSB.

O colega deputado Bira Corôa, sempre, nos ajuda neste debate. No entanto, ele não pôde vir e mandou uma mensagem.

(Lê) *“Parabenizo a deputada Fabíola Mansur, a deputada Luiza Maia e a todas as demais deputadas que compõem a Comissão de Direitos da Mulher pela realização desta importante sessão, como um espaço de homenagens e reconhecimento do papel e importância da mulher nas transformações sociais e econômicas deste país. Saúdo todas as autoridades da Mesa e os presentes nesta Sessão Especial.*

Aproveito ainda para reforçar a minha disposição nas lutas por uma sociedade mais justa, igualitária e com cada vez mais equidade de gênero. Em consequência de atividades do mandato, não pude me fazer fisicamente presente, porém desejo a todos e todas uma excelente sessão.” (Palmas.)

Logo após a próxima oradora, abriremos para os pronunciamentos de 3 minutos.

Com a palavra a deputada Fabíola Mansur.

A Sr^a PRESIDENTA (Luiza Maia):- Com a palavra a deputada Fabíola Mansur, presidente da Comissão Direitos da Mulher. (Palmas.)

A Sr^a FABÍOLA MANSUR:- Mais uma vez, quero, formalmente, saudar todos os presentes à Mesa como a deputada Luiza Maia, presidente dos trabalhos e, também, a proponente desta sessão especial.

Saúdo Clarice Costa Pinheiro e Vladimir Costa Pinheiro, ambos filhos da nossa querida professora Ana Alice; Dr. Rafson Saraiva Ximenes, subdefensor

público geral, representante do Dr. Clérison; as Sr^{as} Deputadas, companheiras e queridas que me ensinam tanto nesta comissão que ora presido, em especial, nossa primeira presidente da Comissão Direitos da Mulher como a deputada Maria del Carmen; deputadas Ângela Sousa e Neusa Cadore, nossa querida vice-presidente; a amiga e Sr^a Presidente Madalena Noronha do Conselho Municipal de Mulher; as Prof^{as} Salete Silva e Ioli Vanin que já nos brindaram aqui com suas falas, a querida Janja – Sr^a Coordenadora Rosângela Costa Araújo–, a minha líder maior, Olívia Santana, secretária de Política para as Mulheres, para quem eu peço uma salva de palmas. (Palmas.) Essa vai ter uma trabalhadeira enorme com o orçamento pequeno defender todas as mulheres pela Bahia afora.

Eu quero ser muito breve, até porque a nossa fala vai muito de um compromisso desta Casa, da Assembleia Legislativa da Bahia, que com 7 mulheres tem a obrigação de honrar a memória, a história, o trabalho, as lutas que nos inspiram, lutas como a da nossa guerreira Prof^a Ana Alice que se foi em dezembro, mas está cada vez mais presente entre nós, presente em vocês companheiras e companheiros, militantes de tantos movimentos feministas, presente na doce apresentação do nosso coral, presente em sua família, presente, minha querida vereadora Aladilce, presidente da Comissão de Mulheres da Câmara Municipal. Juro que não foi de propósito, vocês sabem que Aladilce é uma querida amiga a quem eu quero saudar, não estava aqui, mas é a pessoa que eu mais me lembro porque é batalhadora demais. Então quero dizer que esta Assembleia se compromete com histórias de tão poucas mulheres que travam essa luta do dia a dia.

Não haveria como homenagear Ana Alice sem falarmos de reforma política, já tão bem colocado aqui por Salete que me antecedeu. Porque independente de ser uma reforma eleitoral que, sim, é necessária, porque estamos há décadas, há séculos, sub-representadas, temos há apenas 83 anos o direito de votar. E se não houver políticas afirmativas, ações afirmativas pautadas no Congresso Nacional, nós não vamos mudar essa realidade.

E por que colocar mulheres no poder? Porque elas pensam, sim, em ações afirmativas e podem aumentar a sua resolutividade. E também porque somos a maioria do povo em equidade de gênero, paridade de gênero, direito que deveria ser nato e não direito que devesse ser arrancado, há anos, para que pudéssemos chegar lá.

Eu quero dizer a esta Assembleia que a Prof^a Ana Alice nunca esteve tão atual. Em 1998, junto com o Neim,, lançou o livro: As Donas no Poder – Mulher e Política na Bahia em que falava exatamente, Prof^a Rosângela, da nossa sub-representatividade. 1998! Ajudem-me a somar, são 16 anos. Temos exatamente muito poucos avanços do ponto de vista político para estarmos lá.

Eu tenho o compromisso de nesta Casa, não só representar as lutas de tantas companheiras, representar com elas, porque somos apenas ferramentas, o Legislativo é ferramenta dos movimentos sociais, dos conselhos. Os Poderes têm que estar unidos com essa priorização, com a ideia de que precisamos, não só fazer reforma política, mas também aumentar o orçamento de mulheres, também aumentar Dr^a

Firmiane, os nossos defensores públicos, porque estamos aqui travando essa batalha, Sr. Subdefensor. (Palmas.) A Comissão de Mulheres defende o chamamento de 14 defensores cuja validade do concurso irá terminar em maio. Como podemos assegurar cidadania com a assistência jurídica gratuita com tão poucas varas? Temos muitas batalhas.

Mas queremos dizer, falando em nome das 7 deputadas e dos 2 homens que compõem a Comissão das Mulheres, que juntamente com vocês, com unidade, com a união dos movimentos das várias esferas, dos vários Poderes – não nos podemos desunir – vamos conseguir avanços e chegar à paridade de gênero, não sei quando. Dizem que se não promovermos uma reforma política no momento, demoraremos 150 anos para conseguir chegar a 50% das Casas Legislativas.

Quero aqui falar, como disse a Prof^a Salete, não sabemos se o modelo é de lista fechada com alternância de gênero. Existe tramitando uma PEC da senadora Vanessa Grazziotin, a PEC nº 23/2015, onde há um acordo da bancada para fazer uma alteração garantindo 30% das vagas para as mulheres, não mais das candidaturas. Com uma progressão de 5% a cada quatro anos garantirá, ao final, 50%. Talvez seja essa a resposta, não mais a lista alternada, fechada de gênero, porque, sim, estaremos a mercê das escolhas dos partidos que são, hoje, dominados, na grande maioria, por homens.

Quero saudar a minha senadora, que é uma das raras mulheres que preside um partido político na Bahia. Quero mandar um abraço e dizer, Lena, que você é uma grande e importante guru que inspira o meu trabalho como deputada. Queria te agradecer de público por isso. (Palmas.)

Não vou me alongar, reafirmo o compromisso, em nome da comissão, reafirmo o compromisso com você, Ana Alice, que está aqui, reafirmo o compromisso em honrar a memória nesta Casa, defendendo as mesmas lutas que você defendeu. Homenageamos a sua família, Ana Alice, e quero aqui pedir permissão para ler um poema que a sua filha escreveu no prefácio do livro que acabei de citar "As Donas no Poder." Poema escrito pela sua filha Clarice Costa Pinheiro, que tinha, então, 13 anos. Além de ser super atual, demonstra que filha de feminista, feminista é.

(Lê):- *“Somos mulheres,
Mulheres guerreiras, mulheres Dianas
Adeptas a todas as religiões
Lutamos pela história
E nossos nomes foram esquecidos como um pôr-de-sol
Sendo uma Joana d' Arc ou uma Nossa Senhora
Lutamos pelo que acreditamos
Comemos maçãs porque assim estava escrito
Se fossem pêras também comeríamos,
Nos tiraram da luta, pois temiam perder.*

*Nosso conhecimento atravessou gerações
E fomos queimadas em fogueiras
Nunca voamos em vassouras
Mas gostaríamos de tê-lo feito
Nos oprimem e nos reprimem
Somos um inimigo maquiavélico
Pois sabemos o ponto fraco do inimigo
Começamos a juntar exércitos
Quando queimamos sutiãs
Não nos importa o que digam
Prolongaremos a espécie
Pois também Deus pecou
Quando não deu asas às cobras", que somos nós. (Palmas.)
Viva Ana Alice! Viva a reforma política! Salve, companheiras! (Palmas.)
(Não foi revisto pela oradora.)*

A Sr^a PRESIDENTA (Luiza Maia):- Convido a deputada Fabíola para assumir a presidência enquanto falarei rapidamente.

A Sr^a LUIZA MAIA:- Já dei boa-tarde a todas e Fabíola já leu os nomes que compõem essa brilhante Mesa desta importante sessão. Estava ali me questionando se voltaria a esta tribuna ou não, porque, realmente, a emoção tem me atrapalhado nesta sessão. Estamos vivendo um momento muito complicado no nosso Brasil, principalmente nós, da geração dos anos 70, da geração de Ana Alice, que fomos para as ruas brigar para derrubar uma ditadura militar, um regime de exceção onde não tínhamos direito de estudar, não tínhamos direito de ler nada a não ser o que a ditadura determinasse. Como ouvi a fala da nossa querida professora Salete sobre essa questão da reforma política, decidi vir aqui dar a minha opinião e fazer um apelo a vocês.

Acredito que não chore mais ao falar de Ana Alice. No Carnaval, juntamos o Folia Feminista com o Anti-Baixaria e ela ficava tomando conta da banda para não tocar as músicas horrorosas. Quando tocava qualquer coisa, ela corria para a faixa, porque, como sempre, ela não gostava muito de estar à frente das coisas, gostava sempre dos bastidores, mas a gente se divertia muito. Tenho aí algumas fotos dela fantasiada, todo ano ela colocava uma fantasia mais bonita, era uma foliã de marca maior, uma carnavalesca igual a mim. Então, é muita saudade, mas, ao mesmo tempo, essa celebração que estamos fazendo aqui para Ana Alice nos fortalece, porque ela realmente foi uma pessoa importante, tem a minha homenagem e a nossa luta continua. As Donas do Poder é o livro dela. O nosso bloco esse ano saiu com uma faixa “empresa que financia a baixaria, também é contra a cidadania”. Nós ganhamos a batalha de que recursos públicos não financiem mais a baixaria. Não conseguimos

ainda que os nossos governadores regulamentassem essa lei, e tivemos um retrocesso nesse ano em nosso Carnaval.

Como o nosso tema hoje aqui é reforma política, acho que esse debate precisa ser aprofundado. Gostei muito da linha que a Salete colocou aqui, porque a crise que vivemos hoje no Brasil, a crise política e a crise econômica, não podemos aceitar que parte dessa mídia e que a oposição façam o que estão fazendo com a nossa inteligência. Não é justo. Temos que dar força a nossa presidente para fazermos um enfrentamento a essa mídia, a essa Globo. Não pode uma concessão pública, uma mídia partidarizada de oposição com uma tendência para um lado, conservadora, horrorosa. E ficamos assistindo como se não acontecesse nada, entra em nossa casa, você liga a televisão e está aí todos os dias.

Reforma política é por causa de corrupção? Como disse Dilma, foi o PT e fomos nós que inventamos a corrupção? A corrupção foi inventada há muito tempo. Por que eles só criticam a corrupção de quem errou na Petrobras, não criticam a corrupção dos outros e dos tucanos? Então, tem alguma coisa que precisamos arrumar.

A minha opinião é que o que está em crise não é só o sistema político brasileiro, está em crise é o sistema capitalista no mundo. E precisamos fazer com que isso chegue em nossa agenda. As pessoas precisam entender que esse sistema também está falido. Um sistema que deixa bilhões de pessoas morrendo de fome não serve mais para resolver as questões da humanidade. E como vamos enfrentar? No Brasil tem saída, sim. Precisamos dizer a Dilma que ela precisa parar com essa história de superávit primário. O que é superávit primário, alguém sabe? Esse termo em inglês. Nós vamos juntar o nosso dinheiro para pagar dívida de banqueiro. Dilma precisa tirar imediatamente esse ministro do Ministério da Fazenda por que não sei onde esse homem quer chegar.

O que temos que fazer é isso. Estamos acostumadas, as mulheres, Terezinha, fomos às ruas na época da nossa Constituição em 1988, colocamos o nosso dedo lá, e chamaram a nossa luta de o lobby do batom porque as mulheres estavam lá dizendo o que queriam. Ou nós retornamos às ruas para dizer a nossa querida e amada presidente Dilma que não dá certo da forma que está indo ou vamos levar esse Brasil para onde? Para o caos?

Os bonitinhos da passeata de domingo convivem muito bem com frases dizendo retorno à ditadura e outros horrores mais que nem me lembro. Agora, se aparece uma pessoa de camisa vermelha vão para cima para dar porrada. É o incentivo à cultura do ódio que está acontecendo em nosso Brasil e nós não vamos aceitar. Sempre o País tolerou, apesar de todas as dificuldades que vivemos, mas hoje, comandado pela mídia, principalmente a Rede Globo e outros grandes jornais, sabemos que hoje são seis famílias apenas que comandam a mídia no Brasil, a comunicação no Brasil. A comunicação e a informação são direitos nossos. Esse povo está nos negando o direito de conhecer a verdade, o que está por trás dessa história da Petrobras. O que é isso? É corrupção que eles sempre fizeram, não é não! É o modelo

de exploração, de partilha, que eles não aceitam, que os americanos não aceitam, que sempre vieram para aqui mandar em nosso Brasil e fazer do Brasil e dos países da América Latina o seu quintal.

Quem não lembra que Fernando Henrique ia abrir todo o nosso mercado para os Estados Unidos com aquele programa chamado Alca? Pois é, agora ficam inventando história, camuflando o que está por trás. O que eles querem é o nosso pré-sal que Lula e Dilma determinaram que vai para a educação. É a nossa redenção, é a nossa forma de fazer com que a educação e a saúde no Brasil deem um salto de qualidade. Mas não, é corrupção, vamos contar que o delator disse isso, aquilo, um monte de conversa, não é nada disso. Eles querem o regime de concessão, eles querem meter a mão em nosso petróleo e levar para eles como sempre fizeram. Temos que nos mobilizar, acredito na força da mulher, até porque aqui dentro dessa Casa não se discute nem se vota projeto de mulheres. Aprovamos um projeto polêmico porque vocês, mulheres, os movimentos de mulheres chegaram aqui e disseram aos machistas desta Casa que queríamos aquela lei, porque não é possível acontecer o que estava acontecendo.

Precisamos chegar à nossa presidente e dizer que precisamos de uma reforma política, e que ela afaste esse ministro da Fazenda, porque ele está querendo o nosso dinheiro só para pagar uma tal dívida que ninguém sabe qual é.

Vamos à luta para avançarmos nessas conquistas! Não vamos deixar que eles façam confusão, porque no caos é assim, sempre aparece um salvador da pátria, como vimos na Alemanha, com o nazismo, na Itália...

É um momento importante. Precisamos ter cuidado e estar atentas, entendendo o que está acontecendo, e ir às ruas para dar a nossa opinião.

Um grande beijo no coração de todos. (Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fabíola Mansur):- Muito obrigada, deputada Luiza Maia.

Vou quebrar o protocolo. Convido para falar a secretária de Políticas para Mulheres, Olívia Santana, que está aqui, representando o governador Rui Costa.

Peço que sejam breves, com falas curtas de 3 a 5 minutos, porque não queremos atrapalhar a aula do NEIM hoje, que é muito importante.

A Sr^a OLÍVIA SANTANA:- Boa-tarde a todas e a todos.

Quero, inicialmente, saudar as autoras desta sessão, a presidenta da Comissão dos Direitos das Mulheres na Assembleia Legislativa da Bahia, Fabíola Mansur, querida amiga; a coautora da sessão, Luiza Maia – quero parabenizá-las por esta dupla iniciativa – a deputada Maria del Carmen; Ângela Souza; a Sr^a Iole Vanin, professora da UFBA e membro do Núcleo de Estudos sobre a Mulher, nossa querida amiga militante; a professora da UFBA e também membro do NEIM, Salete Maria Silva, que nos brindou com sua fala muito tenaz em defesa de uma reforma política

democrática e com a marca das relações de gênero, com a marca do empoderamento das mulheres; a Sr^a Clarice Costa, a menina Clarice Costa, filha da nossa homenageada, Ana Alice Costa, parabenizá-la pela inspiração precoce, aos 13 anos compor um poema tão profundo, tão significativo como esse que foi lido pela nossa presidente; o jovem Vladimir, que também é filho da nossa homenageada – sabemos como é difícil para todos nós a perda, é mais profundo, mais difícil e mais complexo para os filhos –; a presidenta da Comissão de Mulheres da Câmara de Vereadores, vereadora Aladilce Souza, minha colega do Partido Comunista do Brasil; a Sr^a Presidenta do Conselho Municipal da Mulher, Madalena Noronha; a Sr^a Coordenadora do NEIM, professora Rosângela Costa Araújo; o Sr. Subdefensor Público Geral, Rafson Saraiva Ximenes; e à Sr^a Deputada Neusa Cadore.

Gostaria de dizer, aqui, que esta sessão começou com uma energia muito positiva, muito para cima, com o canto desse coral belíssimo dessas mulheres que se renovam, rejuvenescem através da música. Quanto a D. Cinira, a mãe de Ana Alice Costa, comentava ali sobre a capacidade que as mães têm de se recuperar, é impressionante. É uma força estranha, realmente, como as mães da Praça de Maio, tão tenazes em defesa da justiça. Essa senhora, que é avó desses meninos que estão ali na mesa e chegou aqui e cantou tão belamente. Eu estava observando os gestos dela e o sorriso. É a capacidade de se refazer diante da perda e da compreensão de que há outros aqui que precisam dela. É necessário essa energia viva.

Eu não concordo com essa fala de algumas companheiras, dizendo que quando Ana Alice estava viva nos deu oportunidade de alguma coisa. Eu considero que Ana Alice conseguiu algo muito incomum e feliz que alguns seres humanos conseguem, tornar-se imortal. (Palmas.) Ela se tornou imortal através dos seus atos, da sua capacidade de enfrentar os obstáculos e desafios, tornando-se referência, exemplo. Ana Alice foi exemplo para sua filha, inspirou a sua filha, e nos inspira. Todas nós, mulheres militantes do Movimento Feminista, temos o orgulho de dizer que convivemos e compartilhamos das experiências que tivemos com ela. Mesmo as que tinham diferenças, eu mesma tinha diferenças políticas de pensamento com Ana Alice, mas nunca fomos antagônicas, adversárias. Tivemos largas batalhas de opinião.

Ana Alice era danada, defendia mesmo as posições dela, ia com muita fibra defender o que ela acreditava. E era muito bonito fazer as referências assim. Você pode até não concordar com o que eu digo, mas sempre vai respeitar o meu direito de dizer. (Palmas.) Porque ela dizia com argumentos, dentro da sua concepção política no Movimento Feminista, e tinha algo que unia a todas nós. Em 1988, lembro-me quando fundamos a União Brasileira de Mulheres, UBM, fizemos um ato belíssimo no Centro de Convenções.

Lembro-me também das diferenças entre Loreta Valadares, que também já se foi, e Ana Alice, e do profundo respeito que havia entre elas. E eu ficava ali aprendendo. Eu pensava que também chegaria numa mesa dessas e faria um debate daquele nível. Elas jogavam duro, e era interessante para nós, que estávamos

chegando, iniciando a militância, porque era incrível ver as mulheres defendendo posições, brigando por suas posições, sem se descabelar. Depois sair e dizer os motivos da discordância. Eu aprendi a fazer política e aprendi que a divergência ali é a partir do confronto de argumentos. Isso que é o belo da atividade política. É isso, deputada Maria del Carmen, que temos que saudar, em nome da Ana Alice Costa.

Eu acredito na eternidade das pessoas, acho que Ana Alice está lá, junto com Loreta. Acho que também estão preocupadas e receberam Therezinha Zerbrini, a mulher que inventou, em 1975, e articulou o Movimento Feminino pela Anistia, contra a ditadura. Eu acredito que essas mulheres estão por aí no firmamento, preocupadas tanto quanto nós com a situação que está posta nesse País, e para lutar contra isso, temos que erguer cabeças. Não podemos deixar que a tristeza nos tome; não podemos permitir interromper caminhadas. Ana Alice se foi e deixou o bastão para que outras mulheres pudessem caminhar.

Fiquei feliz! Fiquei muito feliz com a vibração dessas mulheres que vieram, apresentaram seus argumentos, defenderam a reforma política e defenderam a memória de Ana Alice. Isso significa a expressão da nossa responsabilidade de não permitir o esquecimento, porque aí é a morte verdadeira. Quando os ensinamentos são esquecidos, quando as pessoas são esquecidas e os exemplos não são seguidos, a morte se faz, companheiras. Nós temos o desafio de manter viva a memória, o legado dessa mulher que estamos, aqui, homenageando hoje. (Palmas.)

Sabemos do tamanho da nossa responsabilidade. Muitas podem até penar: “Mas eu não sou tão grande quanto Alice.” Talvez nem Alice soubesse da sua própria grandeza, porque essa grandeza se faz na luta. É caminhando que se aprende a caminhar; é dando os primeiros passos... A gente vai tirando força não se sabe nem de onde, para fazer coisas que nem imaginávamos, Lena, que seríamos capazes de fazer!

Quando olhamos para trás, vemos, sim, que tivemos avanços importantes. Agora, a realidade nos convoca a defender essas conquistas. Eu sei que o que Ana Alice mais espera de nós, vereadora Aladilce, de todas essas mulheres que estão aqui... São sete mandatos num universo de 63 cadeiras, nesta Casa. Eu tentei até entrar aqui, mas fiquei do lado de fora, porque não tivemos a força econômica. Eu não tenho nenhuma dúvida sobre a capacidade das mulheres candidatas. (Palmas.) Mesmo nos momentos de derrota, eu nunca baixei a minha autoestima!

Eu sei que não somos piores do que aqueles que aqui entraram, o que nós não temos são as mesmas ferramentas e as mesmas oportunidades. As oportunidades são desiguais, e é por isso que temos de transformar, temos de extrair alguma coisa dessa crise. Não sei como, mas temos de lutar por uma reforma política efetivamente democrática, mesmo num Congresso conservador. (Palmas.) Devemos isso a elas. O nosso desafio é grandioso. Devemos a ela a defesa tenaz e destemida.

Não tenho nenhuma vacilação em fazer a defesa da primeira mulher que ganhou a eleição para presidir esse país,. Ela ganhou ainda uma segunda eleição, porque o povo reafirmou esse mandato. Digo mais, reafirmou num momento... A crise política não é uma crise de agora. Nós atravessamos talvez a eleição mais dura

que esse país já teve, e conseguimos extrair dali a vitória.

Não é possível que essa vitória seja solapada pelos discursos obscurantistas daqueles que ousam sentir saudade de um passado que o povo brasileiro sepultou. Realmente, não é justo que tantas vidas tenham-se perdido, em tempos de ditadura, para que, hoje, vejamos nas ruas faixas defendendo o golpe. É isso? Esse é o caminho novo para o Brasil? É o golpe? É tomar, arrancar na força o mandato de uma presidenta que tem menos de três meses no exercício da função do seu segundo mandato.

Queremos, sim, que se apure, que se enfrente a corrupção. Estamos apresentando propostas que vão na raiz, a exemplo da proposta do fim do financiamento privado de campanha. É essa, talvez, a maior fonte de corrupção neste país.

Portanto, queremos a garantia da democracia! Queremos a prevalência, sim, do mandato da presidenta Dilma Rousseff. Isso não é incompatível com o enfrentamento da corrupção. Afinal de contas quem tem memória sabe que este, deputada, é o período em que mais se investigou neste país. Este é o governo mais transparente que já houve na história da República. Muitos desmandos, muitos erros, muitas fortunas se formaram, porque não havia nitidez da linha divisória entre o patrimônio público e o patrimônio privado, deputada Maria del Carmen, em muitas gestões, anteriores e recentes. E nós sabemos do que estamos falando, e nunca foram apurados. A Justiça não tinha sequer o direito de ser Justiça. A Polícia não tinha o direito de exercer a sua função de Polícia, de investigação. Isso acabou, ficou para trás. Hoje, investiga-se tudo neste país. É um governo que possibilita que as investigações aconteçam.

Companheiras e companheiros, encerrando a minha fala, quero dizer que esta é uma sessão que me dá muitos motivos para renovar o meu compromisso com a luta, para assumir ainda mais responsabilidades neste desafio novo que está na minha vida, ou seja, ser secretária de Políticas para Mulheres num Estado em que a mulher é 51% da população. E é o Estado que ocupa o segundo lugar em índices de feminicídio, porque a cultura machista e patriarcal, neste campo é muito pesada. Exige de nós muita capacidade de articulação política; muita capacidade para fazer valer recursos para enfrentarmos essa estrutura patriarcal e garantirmos a salvação da vida das mulheres. A melhor forma de fazê-lo é mexer nas estruturas; é garantir o empoderamento da mulher; é garantir uma reforma política democrática; é garantir que mais mulheres possam se eleger, que mais mulheres possam ocupar espaços de poder. São as mulheres desempoderadas as principais vítimas da violência em nosso País e em nosso Estado. (Palmas.)

Portanto, companheiras e companheiros, o nosso desafio é tão grande que só vamos ter tempo para sentir, de guardar no coração e na memória a imagem, o legado da nossa homenageada, e de tantas outras que se foram. Mas, ao mesmo tempo, garantir que todos os dias renovemos o nosso compromisso com luta. Não podemos esquecer esta frase muito significativa, deixada por uma grande feminista que é

referência mundial. A frase diz o seguinte: “Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja sempre a nossa própria substância”. Era isso que Simone de Beauvoir nos ensinava. E foi isso que Ana Alice Costa aprendeu e exarou durante todo momento em que esteve entre nós, e garantiu a firmeza da nossa luta.

Axé Ana Alice! Onde quer que você esteja.

Axé mulheres guerreiras! Levantem-se porque a batalha é árdua, mas sairemos vitoriosas. (Palmas.)

A luta é o melhor caminho! (Palmas.)

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fabiola Mansur):- Esta secretária, realmente, representa-nos.

Saiba que você está numa outra esfera, mas está aqui também. Sua presença nos orgulha.

Bem, temos, ainda, quatro pessoas inscritas para falar.

Vamos convidar, agora, a amiga e a vereadora Aladilce Souza (palmas.), presidente Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da Câmara Municipal de Salvador para falar durante o tempo de 3 minutos. Pediríamos rapidez, pois estamos encerrando esta sessão especial e, ainda, temos quatro inscritos.

A Sr^a **ALADILCE SOUZA**:- Presidenta, não usarei nem os três minutos para dar oportunidade a outras companheiras falarem.

Quero saudar toda a Mesa em nome da presidente desta sessão especial e, também, presidente da Comissão Direitos da Mulher desta Casa, Fabiola Mansur. Reconheço que V.Ex^a deixou saudades na Câmara de Vereadores de Salvador. No entanto, vamos fazer uma ponte entre a Câmara de Vereadores e a Assembleia Legislativa para fortalecer mais ainda a nossa luta.

Saúdo a nossa querida Luiza Maia, que nos liderou na luta antibaixaria; a colega Maria del Carmen, também ex-vereadora; Ângela Sousa; Neusa Cadore e todas as demais deputadas.

Quero saudar o movimento social das mulheres na pessoa de Madalena Noronha, presidente do Conselho Municipal em Defesa da Mulher.

Saúdo, em especial, os filhos de Ana Alice: Vladimir e Clarice. Digo que não poderia deixar de dar um abraço para vocês e para a mãe de Ana Alice, D. Cenira, em nome da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da Câmara Municipal.

Ana Alice, também, foi uma grande parceira da comissão das mulheres daquela Casa. Fizemos muitos seminários e muitas palestras. Quero, também, dizer que ela merece todas as homenagens. E nós vamos, no dia 27, fazer uma sessão na Câmara que tem o nome de Sessão Ana Alice Alcântara. Vamos discutir a reforma política também. Mas a ideia é a de ampliar esta homenagem, ampliar este debate,

ampliar nossa reverência à memória de Ana Alice, porque ela merece todas as homenagens. Não vou me alongar, porque, aqui, já foram ditas muitas coisas que contemplam todos nós.

Quero saudar Kelly, nossa companheira também, ex-deputada estadual.

Realmente, aqui, já foram ditas muitas coisas. Os tempos são difíceis. Nós não podemos negar que temos uma onda conservadora no País. Este se configura como um movimento de massa, com risco de grandes retrocessos, com ideias e com posturas conservadoras. Isso atinge a todas nós. Isso atinge a luta das feministas. E isso ameaça toda a luta democrática.

Então, digo apenas, que vamos precisar da união de todas nós para defender nossas bandeiras que são muito caras, para defender a democracia em primeiro lugar, defender a Constituição de um Estado igualitário, para defender na perspectiva de um Estado igualitário, para enfrentar a violência contra a mulher, para enfrentar a perspectiva e para defender os espaços de poder da mulher.

Enfim, para realizar toda a nossa agenda, nós vamos precisar da união de todas as Casas Legislativas, de todas as mulheres que estão em espaço de poder, como, no momento, no Estado da Bahia, a nossa secretária Olivia Santana, que nos representa muito bem e, como já foi dito aqui, cuja presença na secretaria nos passa muita confiança. Vamos precisar de uma articulação muito grande e poderosa com o movimento social.

Acho este o momento de botarmos as nossas bandeiras nas ruas também como movimento de massa para, inclusive, orientar quem está no espaço do poder, orientar e dar mais força à nossa presidente Dilma para resistir e seguir avante nas conquistas.

Não podemos ficar com esta sensação de que os adversários – aqueles que defendem o retrocesso, o conservadorismo – estão ganhando as ruas e as batalhas políticas. A nossa é a luta feminista. Assim, fica muito mais difícil nessa perspectiva.

Portanto, acho que a saída é fazermos como os companheiros do Movimento de Luta pela Reforma Urbana, de luta pela terra, os quais estão nas ruas. Temos que saber de forma ampla, de forma combativa ir às ruas defender, neste momento crítico, nossas bandeiras.

Então, quero concluir dizendo que assumi a Comissão de Mulheres da Câmara na semana passada. Já fizemos uma reunião muito positiva, que contou com a participação de diversas instituições, movimentos sociais e órgãos do Executivo.

Fabíola, Luiza, Ângela, demais companheiras e eu estamos firmes na decisão e disposição de fazermos uma articulação poderosa. Vamos buscar as deputadas federais para avançarmos não só na reforma política, mas também em outros pautas que ajudem a buscar igualdade entre homens e mulheres nesta sociedade.

Sabemos que temos condições, competência e qualificação para ocuparmos não só mais espaço, mas igualmente as presidências das Comissões de Constituição e Justiça e de Finanças e Orçamento, debatendo assim todos os temas e todas as

agendas para que a nossa sociedade alcance a qualidade de vida.

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Obrigada, presidente Aladilce.

Saiba que essas pontes serão consolidadas.

Com a palavra por 3 minutos o Dr. Rafson Saraiva, representante do defensor público geral, Dr. Clérison Macêdo.

O Sr. RAFSON SARAIVA XIMENES:- Boa-tarde a todas e todos.

Tentarei ser breve, porque sei que há muitas pessoas inscritas.

Fico em uma posição desconfortável, porque somente eu e Vladimir somos homens na Mesa de mulheres. Ele tem uma carteirada muito melhor do que a minha para estar nessa posição. Mas isso não é ruim, é excelente. O que é ruim é o fato de na plateia haver tão poucos homens, porque os homens precisam ouvir discursos como o da professora Salete. (Palmas!)

Quero saudar as duas presidentas da Mesa, deputadas Fabíola Mansur e Luiza Maia, e todos os outros em nome delas, para não perder muito tempo. Saúdo também os familiares e amigos da professora Ana Alice. Mais do que qualquer palavra que foi dita aqui - e foram ditas lindas palavras em relação à vida e à história dela -, o olhar de cada um de vocês, o brilho no olhos de cada um e as lágrimas de cada um falam muito mais do que a importância que ela teve não só para as mulheres, mas igualmente para todos os baianos e brasileiros.

A Defensoria Pública ainda vive um problema de falta de pessoal. Contamos com o apoio das deputadas. Recentemente de Fabíola e Luiza Maia. Angela Sousa também ajudou, inclusive na minha nomeação quando eu era concursado.

Fiz questão de saudar as duas presidentas usando o termo presidenta porque esta é uma expressão que tem sido muito antipatizada e politizada de uma forma incorreta, pois tem sido tratada como uma questão pessoal em relação à presidenta da República. Os seus opositores não compreenderam a profundidade do que estava em jogo e deixaram que esta palavra se tornasse uma marca dela, quando era para ser uma marca de todas as mulheres. Sempre faço questão de usar esta palavra porque, enquanto tivermos uma Assembleia Legislativa que só tenha sete mulheres, é necessário falar presidenta; enquanto tivermos um Senado que só tenha onze mulheres, precisamos falar presidenta; enquanto tivermos uma Câmara dos Deputados com cinquenta mulheres, temos de falar presidenta; enquanto as mulheres conseguiremos concursos públicos ser aprovadas em maior número do que os homens, apesar de toda a dificuldade a mais que elas têm, e no momento da representatividade política não estejam presentes, precisamos falar presidenta.

Nesse sentido, é importante, sim, discutir-se a reforma política nos termos propostos aqui, não somente falando em corrupção, porque, quando se fala apenas em corrupção, é nítido que o discurso é raso, é rasteiro. Não é esse o grande problema. É

hora de enfrentar os problemas profundos: os problemas sociais das mulheres, dos negros, do Movimento dos Sem-Terra, dos trabalhadores e encarar de frente esses problemas.

Muito obrigado pela atenção. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fabíola Mansur):- Quero convidar agora para falar a presidente do Conselho Municipal da Mulher Madalena Noronha, por 3 minutos. (Palmas.)

A Sr^a MADALENA NORONHA:- Boa-tarde, companheiras. Saúdo essa Mesa por igual, já que estamos reivindicando igualdade, paridade, então, essa Mesa está saudada por igual, respeitando só a hierarquia enquanto feministas.

Falar de Ana é dizer que concordo com a nossa secretária. Ana jamais morrerá, nunca. Seu legado é a nossa história. História é construída. História é processo. E Ana construiu e nós damos continuidade. Então, a gente chora a perda, porque não fomos ainda acostumados à ausência física. Ela dói às vezes. Mas o Vlad e a nossa companheirinha poeta, que eu conheci pequenininha, sabem que a mãe ainda continua na presença, mesmo com sua ausência física.

Acho que todas as pessoas que já me antecederam aqui já deram o recado de que poderíamos estar numa plenária bem mais alongada. E eu faço aqui, presidenta Fabíola, um pedido para que esta Casa, urgentemente, com a nossa querida deputada, aliás, com todas as deputadas, para que comecemos a pautar de fato a reforma política, porque é muito pouco tempo. É muito pouco. (Palmas.)

A professora Salete colocou todos os eixos que a gente pode considerar o que é ontologia, que nos precede a um conceito de reforma. A única coisa que... e eu não divirjo, é por aí mesmo. Eu só queria acrescentar a questão do método. Eu acho que a linha, talvez, o alinhamento que nós temos que construir essa reforma é... A representatividade partidária que temos aí, viciada, aliciada, totalmente desvinculada da representatividade que lhe foi outorgada, mas representa poderes econômicos, em função de categorias que não têm absolutamente nada a ver com o que nós defendemos hoje, que é qualidade e vida e, sobretudo, a democracia.

Então, não acredito que essa reforma vá ser pautada por essa categoria, porque lá não é classe, é uma categoria que defende classes sociais que, na verdade, se igualam a uma classe dominante e de excrescência, na sua grande maioria.

Então, o nosso método vai ser convocar uma constituinte com representatividade da sociedade civil. E, sobretudo nós, mulheres, não estamos representadas em absoluto, nem as mulheres que estão lá hoje têm voz, nem tampouco número. São apenas 10%, de 503 somos 52 – 10%. Esse é o universo do Brasil. Essa é a realidade que nos posta.

Então, acho que temos um desafio que é estar discutindo, alinhando com os movimentos sociais que nesse momento estão sendo convocados. E, aí,

deputada Luiza, a senhora que fez aqui a defesa, já colocou a visão que devemos ter neste momento do que foi a convocação do dia 13 e a convocação do dia 15. Infelizmente, ainda estão sendo pautados alguns movimentos sociais por uma concepção que vai para além do obscurantismo. Para mim é uma noção fascista. Precisamos ver os vídeos. E essa é uma questão que está doendo em nós, mulheres, porque talvez, se fosse um homem, não tinha uma setinha lá “Ô, Dilma vá tomar...” Companheiras, isso é muito ruim, isso é porque a Dilma é uma mulher. E nós temos que tomar essa dor também. (Palmas.)

Essa é a minha contribuição, eu acho que esta Casa tem de chamar a presidenta do Conselho Municipal das Mulheres, nós estamos também pautando uma discussão mais aprofundada com os movimento sociais. De fato, o Conselho, hoje, tem uma representatividade, e nós vamos veicular essas discussões para que, inclusive, os segmentos sociais não sejam cooptados por uma visão fascista que ainda clama por uma ditadura militar.

(Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fabiola Mansur):- Quero aqui registrar a presença de nossa secretária estadual do PSB, Luciana Cruz, e a mensagem da deputada Fátima Nunes, que compõe esta comissão. Ela parabeniza a bancada feminina da Assembleia Legislativa pela merecida homenagem à saudosa feminista, pesquisadora e professora Ana Alice Costa e lamenta a sua ausência por estar cumprindo agenda na cidade de Ribeira do Pombal.

Estamos caminhando para o fim desta sessão. Teremos a fala da professora Rosângela, do NEIM, e a fala da nossa vice-presidente, deputada Neusa Cadore, que irá, neste ato, representar, pelo adiantado da hora, as demais deputadas presentes a esta Casa, que abriram mão de suas falas para que pudéssemos acelerar os trabalhos. As deputadas Ângela Souza e Maria del Carmen, delicadamente, abriram mão de suas falas, elas que são guerreiras que ajudam nos trabalhos desta comissão, que terá a responsabilidade de pedir, neste ato, ao presidente da Casa, Marcelo Nilo, que assine o requerimento da deputada Luiza Maia que cria a comissão de reforma política, conforme foi amplamente falado aqui nesta Casa.

Com a palavra a professora Rosângela, coordenadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, por 3 minutos

A Sr^a **ROSÂNGELA COSTA ARAÚJO**:- Boa-tarde a todas as pessoas presentes. Nas pessoas das duas presidentas dessa mesa, eu saúdo aos demais e ao público em geral. Quero fazer a minha fala antes que o apito opressor toque, para isso vou ser muito breve.

Nós, do NEIM, tivemos uma atividade de integração de início do ano letivo, uma semana de tributo à professora Ana Alice, e tivemos a oportunidade de, juntas e reunidas, fazermos as nossas homenagens. Quero inverter o jogo da mesma forma

como o Vladimir, fazer uma inversão de lugares nesse sentido e dizer o quanto o legado de Ana Alice nos homenageia na medida em que nos possibilita pensar o mundo e pensar as relações de poder através das lentes do feminismo. E é com essa perspectiva que eu acho que nós, do NEIM-Ufba, e a Comissão dos Direitos da Mulher da Assembleia Legislativa devemos pensar e tensionar os debates em torno da reforma política, uma vez que muitos são os partidos ocupando também a grande mídia, demonstrando o que pensa sobre a presença das mulheres nos espaços de poder.

Valorizar filhas, valorizar irmãs, valorizar mulheres. Manter o legado dos grupos oligárquicos não nos interessa. O feminicídio acontece de várias formas, inclusive na dimensão das violências diversas que estão em torno de nós, sobretudo no caso do genocídio da juventude negra.

Então, queremos chamar a atenção para o fato de que o que está em curso é de fato, a validação de um projeto democrático. E tensionar as forças de disputa nesse projeto é que nos dá a condição de estarmos aqui, hoje, e refletirmos a construção dessa igualdade.

Para finalizar, quero apenas abraçar, mais uma vez, a família da professora Ana Alice Costa. E quando digo a família da professora Ana Alice Costa me refiro às duas famílias dela, incluindo todos nós, do NEIM, como um espaço ao qual ela dedicou sua vida com o mesmo afeto e com o mesmo rigor.

Muito obrigada. (Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fabíola Mansur):- Muito obrigada, professora Rosângela, Janja.

Quero dizer que esta Comissão fará um requerimento ao presidente da Casa para, com a autorização e o prefácio do NEIM e todas as companheiras, reeditar o livro *As Donas no Poder: Mulher e Política na Bahia*, em homenagem à professora Ana Alice. (Palmas.)

Com a palavra a nossa ex-presidente e atual vice-presidente da Comissão de Direitos da Mulher, a querida deputada Neusa Cadore.

A Sr^a NEUSA CADORE:- Quero cumprimentar a presidente desta sessão e presidente da Comissão de Direitos da Mulher, a nossa querida e combativa deputada Fabíola Mansur. Nas pessoas das deputadas Fabíola e Luiza Maia cumprimento as demais deputadas. Saúdo o NEIM, órgão tão carregado de sentido para nós, especialmente neste momento, saudando as professoras Iole, Salete e Rosângela.

Agora ela não está mais aqui conosco, mas também quero saudar Olívia Santana, que nos brindou com a sua presença, com a sua fala. E saúdo os familiares da professora Ana Alice, sua mamãe, Cenira, seu filho, Wladimir, e a sua menina, Clarice. E nestas pessoas eu saúdo toda a Mesa.

Começo dizendo da alegria, do momento especial que é mais uma vez

fazermos a nossa sessão especial do mês de março, contando com presenças tão importantes não só neste dia, mas na nossa luta.

Escolhemos o tema reforma política para homenagear essa mulher. Acho que não preciso falar muito mais, já tivemos aqui falas brilhantes, importantes para a nossa reflexão sobre a reforma política.

Houve mais de 8 milhões de assinaturas oriundas do movimento social em favor da reforma. Para aprofundar a democracia precisamos fazer a reforma. Nós queremos discutir o espaço da mulher, queremos aproveitar esse debate da reforma para discutir e focar na questão da participação da mulher. Precisamos, nesse debate, lembrar que temos que ampliar os espaços que discutam as políticas nos municípios, criando organismos de mulheres, fortalecendo conselhos municipais, conselhos estaduais.

Sabemos que o Congresso ameaça a continuidade do debate da paridade, porque temos um Congresso, infelizmente, dos mais conservadores depois da redemocratização.

A Argentina já garantiu, desde 1991, por legislação, pelo menos 30%. Avançou, e, hoje, na Argentina, as mulheres ocupam 40% dos espaços. Sabemos que nós somos o penúltimo país da América Latina e do Caribe. Então, estamos numa situação muito complicada.

Mas acredito que todos nós, hoje, sentimos, vivenciamos esse debate iluminados por uma mulher muito especial e por uma mulher que nos anima e nos fala com muita força porque ela está no meio de nós, de que nós temos uma saída: continuar sendo muito fortes, afetuosas e firmes, como disse Vladimir.

Queria dizer que, para a gente, o que foi muito forte, hoje, foi ver dona Cenira, mãe, com o coral cantando; ter conhecido o poema de Clarice, aos 13 anos com tanta capacidade de expressar essa força toda; ver a fala emocionada, bonita do filho dela.

Então, acho que hoje é uma das sessões mais bonitas desta Casa (palmas.), e homenagear essa mulher é celebrar esse presente, o privilégio de na nossa caminhada, com tantas lutas dos movimentos de mulheres, dos movimentos feministas, e lutas do povo brasileiro, poder celebrar a vida dessa mulher que mostrou que lugar de mulher é onde ela quiser, que não se perde a ternura, a força, enfim.

Então, gente, é um dia de alegria, um dia de celebração, e queria dar um abraço muito carinhoso, muito afetuoso, nosso abraço, especialmente à família, dona Cenira, Vladimir, Clarice, ao NEIM e a cada companheira e companheiro que, com certeza, vai seguir a vida marcado pela vida de Ana Alice.

Ana Alice vive! Viva Ana Alice!

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fabíola Mansur):- Muito obrigada, deputada Neusa Cadore.

Quero registrar e agradecer a presença de várias mulheres dos municípios de Baixa Grande, Uibaí, João Dourado, Camaçari, Lauro de Freitas.

Concedo a palavra a deputada Maria del Carmen.

A Sr^a MARIA DEL CARMEN:- Quebrando protocolo, Sr^a Presidente, quero sugerir que nós, a bancada feminina desta Casa, propusesse conceder a Ana Alice a Medalha 2 de Julho, que é a homenagem maior que esta Casa pode fazer, uma mulher como ela é in memória, e que no dia do lançamento do livro pudéssemos entregar à família essa homenagem, mais uma vez, dessa Casa legislativa.

A Sr^a Luiza Maia:- Além dessa homenagem que a deputada Maria del Carmen acabou de falar, temos também a nossa bancada feminista, e a semana que vem estou assumindo a coordenação e quero também propor, no dia do lançamento do livro, a gente colocar uma placa na porta da nossa bancada o nome de Ana Alice.

(Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fabiola Mansur):- Veja, dona Cenira, Vladmir, Clarice, mulheres, companheiras, deputadas, que realmente Ana Alice viverá. A história de Ana Alice não tem fim, porque continua em todas nós.

Dessa maneira eu gostaria, em nome do Poder Legislativo da Bahia, de agradecer a presença de todas as autoridades civis, militares, eclesiásticas, das Sr^{as} e dos Srs. Deputados, da imprensa, declarar, ao som da música Brincar de Viver, na voz de Maria Bethânia, que diz exatamente que a história não tem fim, e não terá, encerrar a presente sessão dizendo: Ana Alice, você viverá em todas nós.

(Palmas, muitas palmas.)

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

*Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/v2/sessoes.cfm>. Acesse o caminho **Sessões** e leia-as na íntegra.*